

### **A INCLUSÃO DO LEITOR NA POESIA DE MÁRIO QUINTANA**

*Renata Romero Ferraz (UnB)*

O objetivo desse trabalho é tecer alguns comentários sobre a inclusão da figura do leitor nos poemas em prosa de Mário Quintana, gênero híbrido resultado da fusão entre o formato da prosa e o discurso poético, muito cultivado pelo autor que exige de seus leitores um verdadeiro mergulho em sua obra que, se num primeiro instante parece ser tarefa fácil devido à simplicidade aparente, no decorrer do processo se revela verdadeiro desafio graças à complexidade das idéias e dos conceitos que essa poesia singular envolve.

### **A INUSITADA SEMELHANÇA ENTRE AS COISAS NA POESIA DE MANOEL DE BARROS**

*Kelcilene Grácia Rodrigues (UNESP)*

Para Hugo Friedrich, a lírica do século XX apresenta uma linguagem enigmática e obscura que atrai e surpreende ao orientar-se para a vertente da ousadia metafórica. Ou seja, os poetas escolhem imagens que dificultam uma interpretação imediata. É o que acontece no pertinaz trabalho de Manoel de Barros, que vê e recria um cosmos diferente, no qual as coisas são deslocadas de seu espaço natural e alojadas de modo perturbador e estranho. Nesse universo de perplexidade, de descoberta e de angústia, os sentidos confundem-se caoticamente e as imagens poéticas borram os limites do sensível e do inteligível. Daí, a poesia de Barros surge como experiência de busca através das palavras e com procedimentos composicionais como rupturas, frases fragmentadas, categorias gramaticais travestidas, inversões frásicas, montagens insólitas, neologismos e incongruências. Mas é no tratamento dispensado à metáfora que reside o traço distintivo da sua poética. A presente comunicação procura evidenciar o jogo metafórico que conforma a poesia de Manoel de Barros e o poder dessa metáfora em espelhar, pela analogia, a inusitada semelhança entre as coisas.

### **A MORTE EM MUITAS VOZES, DE FERREIRA GULLAR**

*Carlyne Cardoso de Paiva (USP)*

Com um estilo peculiar e próprio, o tema da morte perpassa toda a poesia de Ferreira Gullar, adquirindo contornos cada vez mais complexos e densos. Confluindo por uma efemeridade do tempo nas obras iniciais; uma exaltação da vida, um saudosismo da infância e um pessimismo no qual a perda e a morte se fazem presentes, em "Poema Sujo", até princípios de uma morte mais humana nas obras Barulhos e Na Vertigem do Dia, a morte se incorpora de maneira assídua, complexa e extremamente humana em Muitas Vozes. E é neste livro que surgem com maior veemência, poemas que visam desde reflexões maduras sobre a efemeridade do tempo, juntamente com a consciência da vida, até poesias com grandes cargas de sentimentos pungentes, nunca antes percebidos na obra do poeta com tamanha intensidade.

### **A POÉTICA DE ARLINDA PESSOA MORBECK**

*Renata Chicarelli de Andrade (UNEMAT)*

A presente comunicação visa apresentar dados parciais sobre uma pesquisa, em andamento, sobre a recuperação da memória literária de Arlinda Pessoa Morbeck, considerada como a primeira poetisa do Estado de Mato Grosso, uma escritora que faz parte da história literária mato-grossense e que, no entanto, permanece no anonimato até hoje.

## **AS ENTRE LINHAS DA GENALOGIA DE MANUEL BANDEIRA**

*Ana Lúcia Branco (USP), Fabiana Karen Cardoso Vieira (USP), Vânia Goia (USP)*

Em Pasárgada, ou na Suíça em Clavadel, ou no Curvelo, ou em Recife? Onde se encontra o "poeta-maior"? A resposta é ímpar: Manuel Bandeira .

Nesta, encontramos, pois, a resultante de uma poesia introspectiva e irreverente: a poesia da ausência. A definição da professora Graciema Pires Therezo é bem objetiva quanto à projeção dos poemas do poeta: "Autor e sujeito se confundem". O que nos permite referir-se ao fato de que Bandeira, de certa forma, delimitou a sua biografia em suas obras, por meio da simplicidade dos vocabulários, conotando a um sentido metafórico, por entre linhas.

Dentre a sua vasta temática, o poeta fez de seus entes o elemento fundamento para o desenvolvimento de seus poemas. A família, com quem teve uma nímia ligação, torna-se uma ponte de referência para a decodificação da expressão lírica de Bandeira.

Em detrimento disso, é de intuito do trabalho em questão a abordagem de uma pequena, porém significativa, parte da obra banderiana, tecendo, com base em poemas exemplificativos do autor, uma trajetória que parte da infância do poeta, que passa à adolescência do mesmo, à maturidade, ao descobrimento do Mau - Destino e à visão vital de Bandeira pós esta descoberta.. Tudo fundamentado em uma expressão sentimental pessoal (do autor - eu-lírico, portanto): a presença constante da família nos versos compostos.

Assim, verificar-se-á uma considerável presença do pai, da mãe e da irmã nos versos poéticos de Bandeira. É evidente que o homem-poeta morreu um pouco em cada morte desses. Todavia, fora essa dor - a dor da ausência - dos entes estimados que o fez um arquiteto biográfico. Manuel Bandeira se torna, portanto, um poeta sensível, um poeta do cotidiano, à medida que não se comediou a transpor a sua dor, a sua ausência familiar, à essência de (muitos) de seus versos.

## **ASPECTOS PÓS-MODERNOS DE UMA OBRA CONTEMPORÂNEA: UMA LEITURA DE "FLUXO-FLOEMA", DE HILDA HILST**

*Leandra Alves dos Santos (UNESP)*

Este trabalho pretende discutir a leitura de uma obra contemporânea e suas características pós-modernas, sendo necessário lembrar que a pós-modernidade, vista conforme Lyotard como um estado do modernismo, um período após as transformações ocorridas pela sociedade pós-industrial não é a ruptura com o Modernismo, mas um repensar as atitudes e o modo de ver a literatura dentro do próprio Modernismo. Seria, conforme Derrida um suplemento do Modernismo, pois a cultura pós-moderna é marcada pela fragmentação do tempo em presentes perpétuos, pela pluralidade de conceitos, pela rapidez exigida em nossas ações e atitudes - rapidez esta característica da sociedade pós-industrial - uma sociedade estruturada em valores descartáveis, onde os sentimentos e emoções são impessoais, prevalecendo antes de tudo a tecnologia e o consumo, a padronização dos indivíduos e o momento do "Ter", o que causa angústia e horror no homem moderno, que também necessita do "Ser". Em cada um dos cinco textos da obra Fluxo-Floema, Hilda Hilst utiliza-se de quebras abruptas em relação à liberdade com a pontuação e o largo uso do fluxo de consciência que coordenam a narrativa sempre em torno de Deus, do amor e da morte revelando a multiplicidade de conflitos e angústias tão característicos da pós-modernidade. As narrativas iniciam-se de forma desconexa mostrando um narrador-personagem envolvido com seus pensamentos, seus conflitos e medos. Hilst mostra-nos a multiplicidade do homem, sua plenitude e natureza por meio da re-visitação e re-exploração as diferentes formas genéricas apontando-nos a preocupação incessante de seus personagens em querer saber como é construído o mundo, inclusive o que se costuma chamar de mundo real.

## **O FLUIR DO TEMPO: LEITURA DAS IMAGENS POÉTICAS EM “DOZE NOTURNOS DA HOLANDA”**

*Cláudia Gomes Pereira (UNICAMP)*

Esta pesquisa tem como objetivo configurar o motivo do tempo por meio das imagens multiformes construídas pela linguagem poética de Cecília Meireles, em "Doze Noturnos da Holanda". Nesta obra, o tema do tempo é desenhado por imagens que, de modo geral, não dissociam a natureza da presença humana. Ele se revela como auxiliar da cruel adversária da vida - a morte, sendo o agente que tudo corrói, a constatação da transitoriedade emerge na lírica cecilianiana com evidência. O título do livro "Doze Noturnos da Holanda", é uma homenagem ao país que ela visitou em 1951, e onde escreveu a obra que foi publicada em 1952. Os poemas são introspectivos e têm um marcante fluxo narrativo, da mesma maneira que um eu lírico sempre presente. A imagem da noite, que é personificada, percorre os doze poemas como sinônimo de questionamentos da fugacidade de tudo e do sentido da vida. A análise será feita pela observação da constituição das imagens recorrentes. Assim como, através do embasamento nas reflexões bachaléricas, sobre o estudo do processo da imaginação criadora em obras que dedica aos quatro elementos da natureza, focalizando a comunhão entre a água e o ar. Ainda com a contribuição das leituras de Gaston Bachelard que sintetiza o valor da imagem dado a partir de sua extensão imaginária, será valorizado o imaginário. CNPq

## **O SUJEITO LÍRICO NA MARGINALIA: A PASSAGEM DA “BIBLIOTECA” À “PERFORMANCE”**

*Ana Cristina Tannús Alves (UNESP)*

A Poesia Marginal, localizada por muitos críticos enquanto poesia do cotidiano, se propagou em um contexto de fechamento político, a década de 70 no Brasil. Nesta conjuntura, haveria a necessidade de se contrapor ao autoritarismo que paulatinamente estava em curso desde os anos 60. E justamente nesta passagem da década de 60 para 70 que observaríamos certas especificidades relativas ao que parece se configurar enquanto época de profundas transformações contextuais, tendo em vista a progressiva reorganização da juventude em busca de uma postura mais adequada à cena cultural brasileira em 1972. Isso porque, o discurso fundamentado em "certezas" utópicas sugeridas como encaminhamento pelas tendências de esquerda cederiam espaço para as "incertezas" do desbunde. Aristides Klafke, poeta estreante nesse momento de supressão das liberdades, irá desenvolver sua poética com o valor simbólico do confronto e da resistência, aproximando-se dos gestos poéticos da Marginalia, sobretudo porque apresentaria uma estética integrada ao poder do espetáculo em que a performance seria um aspecto importante na análise de sua produção. Haveria, portanto, um descuido com a ação especificamente literária - a escrita - para a adoção de uma linguagem baseada na prática da experiência individual. Nesse sentido, a "biblioteca" passa a ser substituída por uma literatura do lido e do vivido. Assim, propomo-nos a examinar o sujeito lírico na Poesia Marginal, precisamente o discurso poético de Aristides Klafke, a fim de que se faça uma apreciação analítica menos panorâmica a respeito da poética do autor supracitado, atentando para o fato de que o subjetivismo associado ao performático apareceria para confirmar uma literatura de expressão pessoal freqüente na década de 70.